

VA LOUTCO

MIA COUTO

Em cima da mesa tem o computador portátil e no bolso traz o caderninho de apontamentos. Os instrumentos para guardar as ideias que vão surgindo estão sempre por perto. Mia Couto acredita nas virtudes do esquecimento, como adiante se verá, mas já há muito descobriu que existem pequenos relâmpagos que têm de ser guardados para não se perderem. É a partir deles que escreve os seus livros, como o mais recente *Jesusalém*, tentando cada vez mais fugir à sua facilidade de brincar com as palavras. Tentando esquecer, na medida do possível, a imagem que criou de si próprio enquanto escritor.

NÃO QUERO Q



UE A ESCRITA



ENTREVISTA DE
CARLOS VAZ MARQUES
FOTOGRAFIA DE PEDRO LOUREIRO

JOINIE CONTRA DE

MIM.

FICA

EM MOÇAMBIQUE não aconteceu nada. Foram 16 anos de guerra,

Que virtudes encontra no esquecimento?

O esquecimento é como se fosse a página onde nós escrevemos. O lugar em branco dessa página onde escrevemos o presente é criado pelo esquecimento. Mas é sempre um falso esquecimento, não existe um esquecimento verdadeiro. O esquecimento é tão construído como a própria lembrança. É o outro lado que fica inacessível.

Perguntei-lhe isto porque a necessidade de esquecer tem sido uma ideia recorrente em vários livros seus.

Sim, eu sou alimentado por aquilo que é um processo de amnésia colectiva que agora atravessa a sociedade moçambicana. É um esquecimento que se adoptou como solução para escapar de um tempo, de uma memória.

A memória da guerra?

Sim. Se visitar agora Moçambique ninguém se lembra de nada. Não aconteceu nada. Foram 16 anos de guerra, talvez das guerras mais cruéis que é possível imaginar, morreu um milhão de pessoas e não aconteceu nada. Não existe registo nenhum. Ninguém se quer lembrar. Há ali um enterro daquilo que foi.

Isso corresponde às situações de amnésia por que passam as pessoas que viveram uma situação traumática?

É uma mistura de economia de sofrimento com um processo de sabedoria. Porque se percebe que as raízes desse conflito ainda não estão completamente resolvidas. Há ali tensões que não vale a pena despertar. Portanto, vamos deixar os demónios dentro da caixa. A estratégia é essa.

O seu último livro, *Jesusalém (Caminho)*, abre com uma epígrafe onde se fala do desejo de esquecer como o mais violento e mais cego dos desejos humanos. De onde é que vem essa frase do Herman Hesse?

Não sei. Apanhei essa frase já em estado de citação. Pareceu-me que era uma boa maneira de abrir esta história.

Acredita realmente que o desejo de esquecer é mais forte que a pulsão da memória?

No fundo são a mesma coisa. O processo que leva a escolher, a seleccionar aquilo que sobrevive e aquilo que deve ser apagado é o mesmo. É um processo ficcional. Porque o que se escolhe nunca é exactamente verdade. As coisas nunca se passaram exactamente assim.

É sempre uma elaboração sobre os factos?

É uma elaboração. Tal e qual como o relato de um sonho é sempre uma elaboração. Ninguém se lembra exactamente do que sonhou porque isso implicava falar a língua dos sonhos e ninguém fala a língua dos sonhos. Quando fazemos esta tradução temos de colocar aquilo numa outra ordem, numa outra lógica.

Já no romance *O Outro Pé da Sereia* o barbeiro dizia que «é preciso esquecer para ter passado». É o mesmo processo?

Exactamente o mesmo processo. Quer seja em termos colectivos (a memória de uma nação), quer se trate da memória individual, ela é feita sempre deste processo de reelaboração ficcional, digamos assim. Nesse sentido, somos todos escritores quando reescrevemos o nosso passado. A acção, com o tempo, transformou-se numa coisa cada vez mais difícil. Quanto menos nos podemos rever no presente, mais somos atirados para o passado. O passado surge com uma grande urgência para termos algum tempo que seja nosso. Mas depois percebemos que esse passado é uma coisa que ou não está lá ou é uma mentira, uma invenção.

O que me parece curioso e invulgar é o facto de pôr o acento tónico no esquecimento quando normalmente os criadores põem o acento tónico na memória.

Eu vivi este processo de uma maneira intensa. Esta habilidade de esquecer foi notável. Foi uma das coisas que mais me tocou em toda a minha vida. Este consenso silencioso de uma sociedade inteira, sem nunca trocar opinião sobre isso, como se fosse uma coisa decidida à partida. Parecia-me tão invulgar, tão fantástico, que só podia entender isso percebendo que era a reiteração de um processo antigo. Quando vou à procura, por exemplo, de memórias da escravatura ou de guerras anteriores, percebo que ocorreu o mesmo processo. Portanto, há aqui uma coisa que está inscrita naquilo que é a cultura de lidar com o tempo.

A amnésia.

A amnésia como estratégia de suportar o próprio tempo.

Isso pode ser visto como o vê, como algo de sábio, mas também se pode argumentar que guardar os demónios dentro de uma caixa é algo de muito perigoso.

É sempre muito perigoso. E acho que estamos a pagar o preço disso. Quando esse tempo é votado a este esquecimento, isso não nos ajuda a construir aquilo que podemos querer que sejam os nossos mitos fundadores como nação, como gente, como povo. Com esta ausência, com este vazio, estamos sempre a começar. Mas também há aqui uma conta que se faz: estamos convivendo com um presente cheio de surpresas que não podemos dominar e temos de ter a habilidade de ser qualquer coisa, de ser outros. Quanto menos trouxermos do passado alguma coisa que nos obrigue a sermos quem já fomos, melhor, mais disponíveis estamos. Os moçambicanos estão disponíveis para ser qualquer coisa na modernidade e abraçam isso com uma facilidade enorme.



talvez das guerras mais cruéis que é possível imaginar, e morreu um milhão

de pessoas. Não existe registo nenhum. Ninguém se quer lembrar.

É como um viajante com mais mobilidade por viajar menos carregado. Ele não traz a mochila do passado. Está na estrada à espera do que possa acontecer que o convide a ser qualquer outra coisa. É essa disponibilidade que está ali presente.

Este processo de amnésia também aconteceu no seu caso pessoal?

Aprendi a perceber que isso que nos é entregue como o nosso retrato, o retrato de quem já fomos, não pode ser levado a sério. Porque senão eu não teria também essa mobilidade de que falamos no sentido colectivo e que me apetece ter. Tive de viajar numa coisa que era a minha herança portuguesa, europeia, para poder abraçar outras identidades e não fazer isto só como uma visita turística por outras identidades.

Pôs de parte muita coisa do seu próprio passado?

Não. Entendi que tinha de lidar com isso como com um livro: uma coisa que foi construída, elaborada. Os meus pais construíram para mim e para os meus irmãos uma família ficcionada. Não existiam avós que me poderiam marcar fazendo essa descrição emocional e afectiva. Não tínhamos a presença de primos, de tios, essa presença familiar que cria o vínculo com o passado. Até com um certo sentimento de eternidade. Os meus pais contavam histórias. A minha mãe é uma grande contadora de histórias, sempre de um modo diferente. O tio Abílio era sempre uma pessoa nova e aquilo tinha muita graça e nós percebíamos que a nossa família estava sendo construída. Os meus pais eram eles próprios os avós, eram os tios. O lugar onde eu nasci também era um bocado ficcionado.

Nasceu na cidade da Beira.

A Beira era uma cidade africana, digamos assim. Mas que sonhava ser Europa, ser Portugal, ser uma grande cidade. Vivía quase em estado de ficção. Foi construída num território proibido, num pântano. O mar entrava todos os dias por ali dentro e de repente não sabíamos sequer se tínhamos chão. Isso ajudou-me a ver na ficção uma coisa tão real como as grandes famílias, a pátria, o território. No fundo a única coisa que tenho como real é a casa. A casa, sim.

A casa da sua infância?

A casa da minha infância, essa sim. É como se fosse a minha pátria.

Ainda existe, essa sua pátria na Beira?

Fui lá rever. É uma coisa muito curiosa porque fui lá com medo. Passaram-se 20 anos e eu sabia que tinha de fazer aquela excursão.

A chamada romagem de saudade.

Sim. Da qual saímos sempre a perder. Mas fui lá e quando cheguei a casa era um destroço. Eram só ruínas.

Isso afectou a sua memória dela?

Tive que fazer ali um jogo. Realmente aquilo foi um choque. Fiquei quase arrependido: porque é que vim? Depois tentei saber quem era o dono da casa. Ele não estava. Dei a volta e fui para o pátio traseiro. Estavam lá uns meninos a brincar. Curiosamente brincavam a algumas das brincadeiras a que eu também brinquei naquele pátio. Os mesmos jogos com os mesmos nomes. Aquele momento salvou-me. Pensei: «A casa não é exactamente o que está ali.» É esta relação com o tempo. Essa casa que está dentro de mim nunca ficará em ruínas. Salvei-me por causa desse jogo infantil.

Lembra-se do momento em que tomou consciência de que era moçambicano e não exactamente um colono de segunda geração?

Não sei se foi um momento. Houve momentos em que me confrontei com esta coisa de... quem sou eu?

Questões com que, em vários dos seus livros, inclusive no último, os seus personagens se confrontam também.

Sim, sobre a identidade. Acho que nunca coloquei em causa que era parte de Moçambique. O facto de ser moçambicano branco colocava-me algumas questões de quanto, por inteiro, eu pertencia àquele lugar. Se podia casar com um lado mais íntimo, mais sagrado daquele território. Várias vezes me confrontei e pensei: «Há aqui portas em que não posso entrar.»

Ainda se mantém esse interdito nalgumas dessas portas?

Nalgumas portas não posso entrar mesmo. Não é por decisão das outras pessoas mas porque os meus mortos não estão ali. É uma sociedade que define o que é ou não é próprio. Um lugar é dos Vaz Marques, vamos chamar-lhe assim, porque os seus antepassados estão lá enterrados. Portanto, há ali uma relação com a terra, com o lado divino, a que eu não tenho acesso.

Sente falta dessa relação ou integra isso como algo de natural e sem drama?

Sinto falta e já senti como drama, com tristeza. Mas agora não. Sinto falta como de qualquer coisa que sei que é um mundo que não posso visitar completamente.

Houve algum drama familiar na decisão de se envolver com a Frelimo?

Não. Só houve quando decidi abandonar os estudos da universidade por causa dessa opção.

Já estava em Medicina.

Estava em Medicina. Quando entrei em Medicina a Frelimo contactou-me e pediu-me para... o termo usado era *infiltrar os órgãos de infiltração*. Portanto, eu iria deixar de estudar. Ou pelo menos estudar só como disfarce. Aí, foi preciso falar com os meus pais. Mas apesar de tudo eles aceitaram. Foram contactados por alguém da Frelimo que negociou que a interrupção do curso era só de um ano e que depois eu retomava. Mas a minha educação na infância já foi para que eu, se não fosse da Frelimo, viesse a ser pelo menos simpatizante da causa da libertação.

Os seus pais sentiam-se, eles próprios, moçambicanos?

Os meus pais sentiam-se a favor da luta pela independência mas não se sentiam moçambicanos. Sentiram-se sempre portugueses, com saudades de Portugal, mas com um amor profundo por aquele território. Eles têm agora oitenta e tal anos e penso que vão acabar a sua vida lá [*em Moçambique*]. São pessoas que estão repartidas entre dois mundos.

Perguntei-lhe se houve drama porque, apesar de tudo, integrar a Frelimo implicava uma ruptura, nem que fosse simbólica, com o país dos seus pais. Isso não deve ser fácil de gerir, emocionalmente.

Não, porque em minha casa ouvíamos, por exemplo, a rádio da Frelimo, por decisão do meu pai. Ele próprio nos dizia: que se eu fosse mais novo fugia, ia para o outro lado. O outro lado era a Tanzânia. Acho que há aqui uma generosidade a que eu nem sequer dou o devido valor. Eles sabiam que estavam a criar três filhos para serem de um outro território, de um outro mundo.

Estavam a oferecer filhos.

Estavam a oferecer filhos a um outro país que eles amavam. Era a consequência lógica da opção que tomaram.

Foi a Frelimo que o desviou da Medicina?

Foi a Frelimo. Depois veio o jornalismo. Mas o jornalismo por causa da Frelimo. Aprendi a gostar de ser jornalista e aprendi a gostar

ESCREVEMOS para resolver qualquer coisa que é uma carência interior, sim.

de ser outras coisas, a gostar de escrever, de trabalhar com teatro. Quando decidi regressar à universidade era para Medicina que ia mas tive que repensar aquilo tudo. Reinscrevi-me em Medicina e mandaram-me refazer as cadeiras de Anatomia, que eram um pesadelo. Disseram-me que era por causa da revolução e eu perguntei: «Mas com a revolução o corpo humano mudou?» [Risos.] Disseram que não mas que os métodos tinham mudado. Foi aí que decidi ir para Biologia, ajudado também pelo facto de estar casado com uma médica e por saber que com a medicina não tinha tanto espaço para fazer outras coisas.

Fez o curso lá?

Sim, em 85.

Li que para passar de simpatizante a militante da Frelimo teve que passar numa prova.

Havia uma prova, sim. A chamada *narração de sofrimento*.

Que sofrimento é que narrou nessa prova de admissão?

Eu não tinha grande sofrimento. [Risos.] Aquilo significava que havia uma selecção. Era um partido que não queria simplesmente recrutar e angariar só para efeitos de popularidade. Todo o militante tinha de passar por essa prova dupla: no seu emprego e no seu lugar de residência. Assisti a várias. Vi gente que tinha sofrido miséria, tinha sido presa. Eu tinha tido uma vida boa, nunca tinha sofrido por aí além. Então disse: «Eu sofro de outra maneira, sofro porque sonho com uma coisa a que não posso pertencer, esta coisa da causa; sonho que podia andar lá a combater (tinha a imagem idílica do Che Guevara, uma coisa muito adolescente); sofro por ver os outros sofrer, por ver casos de racismo, que me explicaram.» O retrato do? que era a sociedade colonial estava ali sem máscaras.

Sofreu quando não o autorizaram a integrar a luta armada?

Sim. Este processo acontece já depois do 25 de Abril. Eu tinha ligação com a Frelimo na clandestinidade, antes. É isso que me faz entrar num órgão de informação. Entrei para o jornalismo antes do 25 de Abril.

Militante, só depois?

Formal mesmo, só depois.

Depois da independência ou ainda antes?

Ainda antes, logo a seguir ao 25 de Abril.

Portanto, já esteve como militante no Estádio da Machava [na cerimónia da declaração de independência].

Sim. Já tinha cartão e tudo. Antes tinha tido colegas meus que tinham fugido para integrar o exército de libertação e tinha notícia de que indivíduos brancos e mulatos não podiam pegar em armas.

Por haver uma desconfiança da Frelimo em relação aos brancos e mulatos?

Basicamente era isso. Havia uma linha mais racista dentro da Frelimo que dizia: «Eh pá, esses tipos não!» Havia a linha aberta do Samora Machel que dizia: «Não há raça, todos os moçambicanos merecem a mesma confiança.» Mas a solução de equilíbrio era assim: «Estes tipos merecem confiança mas quando tiverem que disparar com uma arma sobre um primo ou um tio o que é que vão fazer?»

Essa questão algum dia lhe passou pela cabeça?

Passou, porque eu recebia em minha casa primos que não conheciam e que vinham parar ao exército colonial português. Passavam dias em minha casa. Eu sonhava que ia passar a fronteira e pegar em armas e isso atravessou-me o espírito como um drama.

E resolveu esse drama na sua cabeça?

Não, porque felizmente nunca tive que pegar em arma nenhuma. Seria um desastre.

Essa desconfiança em relação aos brancos correspondia, no fundo, a uma situação de racismo oficial dentro da Frelimo.

Sim, exactamente. O MPLA, em Angola, nunca o teve tão abertamente. Também havia racistas no MPLA mas nunca tiveram peso suficiente para obrigar a fazer uma concessão dessas.

Como é que conviveu com isso?

De uma maneira muito má. Foi um primeiro choque que tive. Nunca pensei que houvesse essa exclusão: nós podermos ser militantes mas não por inteiro.

A sua narração do sofrimento poderia ter tido isso como matéria.

Não evoquei isso. Falei sobre o passado que era do que se falava...

Ainda há marcas dessa matriz racista na sociedade moçambicana.

Há, mas muito poucas. Estes 30 anos em que a Frelimo esteve no poder – e penso que ainda estará por um tempo – produziram um resultado notável: a ideia de que Moçambique é um país que está aberto e que é composto por um mosaico de gente, por culturas diferentes. A Frelimo deixou isso bem marcado. Era uma coisa que estava nas canções, nas mensagens, na maneira como eram nomeados os quadros.

A ideia de uma nação multirracial.

Sim. Agora, não se resolveu por completo. Também não conheço nenhum país do mundo que o tenha resolvido. No meu quotidiano esqueço que tenho raça. Mas de vez em quando, muito raramente, tropeço nisso. Alguém me faz tropeçar nela.

Alguém lho lembra?

Sim: «Atenção, que tu tens raça e tens aquela raça que é a de um passado que não se quer.»

Isso acontece ao nível do poder ou a um nível popular?

A nível popular, quase nunca. É lembrado quando há uma porta estreita e só pode passar um. Imagine: é preciso escolher um representante da cultura ou da literatura. Pensa-se duas vezes se não é melhor encontrar um outro.

Seria possível a instrumentalização dessas diferenças raciais para fins políticos – como tem acontecido no Zimbábue – vir a acontecer também em Moçambique? Há uma tensão latente?

Não há. A nossa História é bem diferente. Há todos os motivos para pensar que isso é inviável. Mas é preciso estar atento. No Zimbábue, há 10 anos, também se pensaria que isso era completamente improvável. Esta coisa de um dirigente estar a perder poder e recorrer a algo que era completamente impensável porque razão poderia acontecer com Moçambique?

De repente, soltaram-se os fantasmas.

Pode ser a raça, a tribo, a região. As maiores tensões em Moçambique não são tanto da raça – porque os brancos moçambicanos representam 0,01 por cento e detêm muito pouco do que hoje é a economia. Os centros da economia não estão com eles. A terra não está com eles.

A terra ainda está com o Estado.

A terra é do Estado mas de uma maneira encoberta tem propriedade privada. Embora isso seja ilegal. Sabe-se que há donos da terra. A terra compra-se e vende-se a um nível oculto. Mas os grandes proprietários são outros. É gente, às vezes, ligada ao poder também.

É muito comum ser o facto de estarmos órfãos da nossa própria infância. Estamos à procura de um outro tempo, que



De que modo aquilo que escreve foi marcado pelo facto de ser proveniente de uma minoria étnica no seu país?

Foi marcado não só por ser minoria. Li qualquer coisa sobre o facto de os escritores que têm uma certa dimensão serem resultado de migrações. Há ali uma espécie de ferida de orfandade, digamos assim. Há qualquer coisa que faz ir em busca da origem, da minha história, etc. Há uma porta que está ali e que é a escrita: a literatura.

Sente que essa orfandade foi um motor para a sua escrita?

Escrevemos para resolver qualquer coisa que é uma carência interior, sim. É muito comum ser o facto de estarmos órfãos da nossa própria infância. Não propriamente dessa deslocação de território. Estamos à procura de um outro tempo, que vivemos como um paraíso, com uma espécie de plenitude. O que no meu caso também acontece. A minha pátria é a minha infância. Tive uma infância plena, feliz, absoluta. Mais do que ser filho de imigrantes, sou filho dessa infância.

O facto de pertencer à tal minoria gerou equívocos, alguns até divertidos, como o facto de o confundirem mais do que uma vez com uma mulher negra.

Sim, aconteceu-me.

Hoje, sendo mais conhecido, imagino que já não haverá tantos episódios desses.

Parece incrível mas ainda acontece. As edições francesas dos meus livros não têm fotografia. Um professor congolês de Literatura chegou a Maputo, telefonou-me e disse-me: «Ainda bem que o encontro, quero falar consigo, porque uso os seus livros como um exemplo de um escritor africano que vai buscar às suas raízes africanas a carga dos seus antepassados.» Ele disse aquilo de tal maneira que não tive coragem de o contrariar.

Ao telefone.

Ao telefone. Mas ele disse: «Agora vamos encontrar-nos.» E eu não lhe consegui dizer. Perguntei qual era o hotel, como é que o senhor estava vestido, demorei um bocadinho e ele voltou a telefonar e disse-me: «Entretanto fiz um telefonema e sei que o senhor não é exactamente das tribos mais representativas de África.» Quando me encontrei com ele ainda não estava convencido. Devia haver algum antepassado de que eu não me lembrava. Perguntava-me se eu

vivemos como um paraíso, com uma espécie de plenitude. A minha pátria é a minha infância.



SOU MUITO mau cientista. Devia ser reprovado. O critério é saber se mexe comigo.

sabia a história dos meus antepassados todos. Eu disse que não mas que nunca tinha havido África na minha família. E ele: «Não, não, há alguém e é do Congo, porque há aqui coisas que têm a ver com o que o meu avô e o meu bisavô me contavam.»

Isso é engraçado porque remete para o facto de as pessoas quererem muitas vezes encaixar as coisas num cliché. Isso perturba-o?

A mim diverte-me. Esses equívocos são uma prova do que é a minha própria vida. Lembrei-me agora de outro caso contado pela professora brasileira de Literatura Laura Padilha. Ela estava com o pai, negro, muito velho, acamado, e leu-lhe uns contos meus. E o senhor disse: «Esse homem é um velho negro da África, muito velho, porque o meu avô contava-me histórias que eram parecidas com estas.» A filha disse-lhe: «Não, este é um branco e na altura era moço.» Mas ele insistia: «Não, ele ouviu isso em algum lado.» Estas coisas, para mim, são como prémios. No sentido em que é possível atravessar e contrariar esses estereótipos de quem é quem.

A história mais divertida é aquela dos vestidos que lhe foram oferecidos pelas autoridades cubanas.

Essa é assim: eu vou para Cuba, como jornalista, e recebemos, todos nós, caixas com prendas. Estávamos no tempo da guerra, não havia nada, e eu estava ansioso por abrir a caixa. Quando cheguei a Moçambique abri e eram vestidos e brincos.

Ainda guarda isso?

Dei à minha mulher. Mas já foi há muito tempo.

Como é que reagiu? Com espanto, sentido de humor, irritação?

Diverti-me logo. Rimo-nos todos, lá em casa. Uma vez, no Porto, fui convidado para uma conferência e ficámos numa casa de hóspedes. Uma coisa de luxo. Vi que o homem da recepção, quando me viu, ficou atrapalhado e que dava ordens para desfazer qualquer coisa. Tinham-me preparado o quarto cor-de-rosa. [Risos.]

Ainda existe o biólogo Mia Couto?

Ah, sim. Com cartão-de-visita e tudo.

janelas que quero abrir para entrar luz, para ver o mundo. Mas não é uma crença total.

O seu cartão-de-visita diz «biólogo»?

Sim, não diz «escritor». Esse improdutivo está expulso.

Mas o seu dia-a-dia é consumido pelo trabalho de biólogo?

É. Em termos de número de horas, sim. Entro de manhã, às oito da manhã, e saio às seis da tarde, sendo só biólogo. À noite, então, sou escritor. Sou um escritor nocturno e de insónias.

Nunca pôs a hipótese de ser escritor a tempo inteiro?

Não. Não quero.

Porque gosta tanto da biologia que não consegue largá-la ou porque não quer que a escrita se torne profissão?

Há várias razões. A escrita é uma paixão enorme. É uma vertigem. Eu não quero que ela tome conta de mim. Não quero levá-la muito a sério. Ficava louco. Gosto muito de trabalhar em equipa, com pessoas. Gosto de produzir, de ver resultados das coisas feitas em equipa. Isso é uma coisa de que não quero abdicar.

O que é que faz enquanto biólogo?

Estudos de impacto ambiental. Fazemos alguma pesquisa para planos de gestão de reservas e parques, áreas de conservação em Moçambique.

O que é que está a fazer neste momento?

Estou a fazer o estudo sobre a barragem de Mpanda Nkwua, no Zambeze, a 60 quilómetros da de Cahora Bassa. Está-se a pensar se é viável ou não. Isto implica falar com pessoas, pensar o reassentamento dessa gente que vive naquilo que é a área de inundação. Implica ver as consequências na vegetação, na fauna, etc. É um trabalho de que gosto. Há ali também uma oportunidade, como escritor, para falar com gente e recolher histórias. Essa divisão não é muito clara: quando estou a ser biólogo, quando sou escritor. Há umas interferências que se alimentam reciprocamente.

Esse trabalho permite-lhe ir à procura das «vozes anoitecidas».

Das vozes anoitecidas, sim. Eu estou sempre lá, sempre recebendo histórias, sempre nas zonas rurais, com gente. Vou mostrar-lhe uma coisa que só encontro porque faço isto da biologia. Quando acabei este último livro, *Jesusalém*, fui fazer um documentário sobre parques e reservas. Eu serei o condutor desta história. [Abre o computador portátil e começa a mostrar-me fotografias tiradas durante as gravações.] Há aqui um rio e eu encontro este homem que está aqui. Chama-se Nguezi. Veja: usa brincos, colares. Na reserva disseram-me: há um gajo aí que é um caçador tradicional e sempre que é preciso matar um elefante ou uma coisa assim mais perigosa vai-se chamar este senhor porque ele sonha com o espírito dos animais. Primeiro faz uma triagem para saber se aquilo é um animal verdadeiro ou não. Depois ele está blindado: nunca um animal lhe pode fazer mal. Eu disse logo que queria falar com este fulano. Vamos lá com as câmaras de televisão e ele diz-me: «Eu não falo português, não quero dar entrevista nenhuma, não sei quem vocês são.» Estava sentado numa esteira com um facão, uma catana, a fazer uma cesta de vime. É uma das coisas que eu ponho o Silvestre [personagem de *Jesusalém*] a fazer. Portanto, eu reencontrei a minha personagem. Este tipo vive absolutamente fora do mundo. Tem de se andar horas para se chegar ao sítio onde está a família dele. O tipo diz-me: «Não faço.» E eu despeço-me: «Muito prazer.» Falei em português, embora ele dissesse que não falava português. Disse-lhe: «Faz muito bem, eu também não dava entrevistas a um tipo que aparecesse assim em minha casa.» Ele olhou para

mim pela primeira vez e perguntou aos outros quem era eu. Disse-ram-lhe que eu contava histórias, que escrevia. Aí, qualquer coisa mudou nele. Disse para eu voltar no dia seguinte, que me ia mostrar um sítio que só ele conhecia chamado «a gruta das hienas», onde nascem as hienas. Fui lá buscá-lo de carro no dia seguinte e ele não queria entrar no carro. Porque estes fulanos que têm espíritos de animais não entram em carros. Tive de fazer toda uma história, abrir os vidros todos. Ele foi de olhos fechados, dentro do carro, com uma arma. De repente estremece e diz: «É aqui.» Sai do carro e começa a conduzir-me pelo mato. Vai mostrando pegadas de animais. O mato estava muito fechado e ele disse: «Dê-me uma catana e eu amanhã já tenho isto pronto para vos levar ao sítio.» O homem já tem uma certa idade e eu disse que ele não ia ficar ali de noite com a catana: «Venha jantar connosco.» Ele perguntou: «Há vinho português?» E eu disse que sim. Este homem nunca foi à cidade. Chegou próximo e nunca quis entrar porque diz que viu que ali quem mandava era o dinheiro.

É o Silvestre Vitalício [no romance *Jesusalém* Silvestre isola-se do mundo com os filhos].

É o Silvestre Vitalício. Mas não é só. Quando, à noite, lhe perguntei se no dia seguinte íamos ver os animais, respondeu-me: «Você não percebeu que eu sou cego, que quase não vejo?» Perguntei como era possível. Ele tinha-nos mostrado o mato e as pegadas. E ele: «Mas não era eu que estava a ver; quando estou assim alguém vê pelos meus olhos.» Ele confiou em mim, pediu-me para o levar à cidade mas tinha de ser eu: «Você é um amigo.» Ia levá-lo ao hospital para que ele fosse a uma consulta porque há muito tempo atrás ele disparara e um sopro de pólvora entrara-lhe nos olhos. No fim de *Jesusalém* o Mwanito [filho de Silvestre Vitalício] diz: «Eu tenho cegueira.» E o irmão diz: «Não, não pode ser, como é que você escreveu tudo isso sem ver?» Era a pergunta que eu estava a fazer a este homem. E no livro ele diz: «Deixo de ser cego apenas quando escrevo.» Para este fulano, andar no mato e ver as pegadas era o seu modo de escrever. Isto marcou-me muito porque já estava tudo escrito e no fundo vim a descobrir que o tipo existe, não é?

Quer dizer, o seu livro teve algo de premonitório. Não foi esta história que viveu que o levou à sua história.

Não. O livro já estava acabado. Cheguei a Maputo e pensei: «Isto tudo está na minha história.» Fui procurar como é que tinha escrito.

Como é que o Mia Couto, biólogo, cientista convive com este lado mágico, da superstição, africano?

É porque eu sou muito mau cientista. Como cientista devia ser chumbado e reprovado. Devia-me ser retirada a carteira. O critério para mim é saber se mexe comigo. Se tem beleza, se desarruma alguma coisa, há outra verdade que está ali. É uma das várias janelas que quero abrir para entrar luz, para ver o mundo. Mas não é uma crença total. Se eu quiser pegar no meu lado de cientista digo que já estou sensibilizado. Isto aconteceu como acontece um leque de coisas a toda a gente. Fui marcado por estas porque as escolhi. Como se fosse uma memória às avessas. Mas não sei se isto me satisfaz. Prefiro deixar em aberto a explicação.

Mas há conflito em si entre essas duas racionalidades?

Há, de vez em quando. Mas sei resolver isso dentro de mim. Mas nem quero assim tanto resolver. Fico feliz com essas vozes múltiplas, que não têm de ser classificadas.

OS EUROPEUS têm ainda o mesmo pensamento mágico que os faz ir

A percepção que na Europa se tem de África e desses aspectos africanos parece-lhe uma percepção correcta ou distorcida?

Quase sempre distorcida. Quase sempre folclórica e exótica. Quase sempre como prova de uma coisa mais ou menos primitiva, de um pensamento mágico que já houve há milénios na Europa mas que, entretanto, foi um assunto que já se resolveu aqui. Não como uma ideia de que esse tipo de racionalidade afinal está presente em todos e é só uma questão de graduação. Os europeus têm ainda dentro deles, residindo, o mesmo pensamento mágico que os faz ir a Fátima de joelhos para resolver problemas. Esse tipo de coisas em relação às quais não quero reproduzir o mesmo tipo de preconceito que os europeus cometem quando falam sobre as coisas primitivas de África.

O poder moçambicano lê os seus livros?

Acho que uma parte sim. Tenho sinais de que sim.

Sinais de incomodidade?

Há gente do poder que tem uma atitude simpática e que me congratula. Mas há outros que preferem a distância: «Não aconteceu nada, ninguém fez nada.» Há uma reacção que me parece inteligente do ponto de vista da estratégia do poder: isto circula pouco, se fosse teatro ou se o que eu dissesse tivesse mais circulação provavelmente a reacção não seria tão amorfa. Assim: deixa passar. Também é preciso dizer que ali já existe uma democracia, uma modernidade, uma atitude civilizada em relação a estas coisas. Isso foi sendo construído nos últimos anos. É preciso dizer isso.

Fiz-lhe esta pergunta porque, apesar de termos começado por falar de esquecimento, há em *Jesusalém* uma passagem em que faz questão de lembrar o caso do jornalista Carlos Cardoso, assassinado depois de ter feito denúncias de corrupção. Foi uma forma, neste caso, de tentar combater o esquecimento?

Foi, sim. Sem dúvida. Não foi uma coisa que eu tivesse planeado: «Agora vou meter por aqui esse tipo de recordação amarga.» Mas nesse confronto que esta família da história faz com a cidade houve coisas que eu quis que fossem impossíveis de esquecer, que não fossem sujeitas ao mesmo processo de ocultação.

Por isso lhe perguntei se é lido pela classe dirigente, porque imagino que isto pode eventualmente tocar um ou outro responsável político.

Toca. Mas se olhar para o conjunto a atitude é moderna, civilizada. Perante o caso Carlos Cardoso, Moçambique fez algo que me parece surpreendente: uma parte dos culpados foi encontrada e julgada. Foi feito um julgamento público.

Mas chegou-se o topo da pirâmide?

Não. Não sei se se vai chegar alguma vez por... Por coisas que não posso dizer aqui. [Risos.] Porque há ali uma negociação de silêncios que posso até dizer que entendo como politicamente necessários.

Outra vez a tal virtude do esquecimento?

A virtude do esquecimento... Eu contra mim falo, contra toda a luta para que se encontrassem os verdadeiros culpados do assassinato do Carlos Cardoso. Hoje continuo a lutar por isso, se é preciso, mas também entendo que o assunto não é tão simples assim, tão fácil assim.

Sente-se um símbolo de Moçambique no exterior?

Eu não quero. Recuso muito essa ideia de que possa representar outra coisa que não seja eu próprio. Mas...

Mas já representa.

O ponto é esse. Como é que me vêem a mim. Como me olham. Aí não posso fugir e até o faço com orgulho e com gosto.

Sente-se confortável nesse papel?

Não. Mas há aqui um conflito dentro de mim. Por um lado gosto, porque acho que há sítios onde eu chego e onde Moçambique não chegou de uma outra maneira. Sinto que esse papel pioneiro pela literatura é bonito. Não é uma coisa pessoal. É que quando a literatura abre portas ao que não é esperado que chegue de África – um futebolista, um dançarino, um músico – isso dá-me alguma vaidade. Acho que é importante que, de África, cheguem sinais que estão para além desse estereótipo.

Alguma vez pôs a hipótese de viver fora de Moçambique?

Não.

Mas eu lembro-me de uma entrevista sua, há quase 10 anos, em que, justamente a propósito da questão da raça, dizia que havia uma sinalização tão presente do facto de ser branco que isso na altura o incomodava e onde referia a hipótese de ter de sair de Moçambique.

A maneira como isso foi puxado para título foi um equívoco. Foi isolado do contexto da pergunta. O contexto era: se para a comunidade branca em Moçambique fosse impossível ficar, por causa do nível de agressão que fosse feito contra ela, se nessa hipótese eu admitiria sair do país. Eu disse que sim, evidentemente que sim.

Portanto, só se se soltasse os tais fantasmas.

Só se os demónios saírem cá para fora e Moçambique for invivível. **Nunca escreveu nada que não tivesse a ver com Moçambique. Porque não lhe interessa ou apenas porque não aconteceu?**

Este desejo de evasão, este confronto com o passado mal resolvido pode acontecer em qualquer lado, não é um assunto moçambicano. Mas o contexto é moçambicano. Acho que estou condenado. [Risos.] **Isso pode alterar-se se for por diante o projecto de escrever a peça de teatro sobre os últimos dias de Mugabe no poder, que tem planeada a meias com o José Eduardo Agualusa.**

Pode ser. Mas acho que nós nunca vamos fazer isso.

Não começaram ainda a escrever?

Não. Isso foi uma ideia e de repente já temos outras. Vivemos nesta coisa meio adolescente de que vamos fazer coisas que subvertam a ideia da escrita individual e de que escrever a duas mãos é uma forma menor ou uma aventura pouco admitida.

Mas a hipótese está posta de parte?

Acho que começámos a pensar noutras coisas e esquecemos essa ideia. Eu já nem me lembrava disso.

Já que falámos do Agualusa: aceita para aquilo que escreve a designação de *barroco tropical*?

Aceito sim. Ainda não li o livro mas sei que não está a falar especificamente do romance.

Não. Estou a falar do conceito, que até nem é do José Eduardo, é do poeta moçambicano Virgílio de Lemos.

O Virgílio de Lemos enviou-me vários textos sobre isso. Não sei se é dele ou se ele o retomou de um outro. Mas aceito que no nosso lugar, nos trópicos, existe esta tentação do barroco, como qualquer coisa que é uma via de mostrar que somos capazes de fazer uma coisa com a mesma elaboração, o mesmo excesso. Embora eu recuse a ideia de que o tropical passe sempre por isso. Mas vejo como escrevem colegas meus, moçambicanos, e está sempre presente um certo nível barroco

a Fátima de joelhos para resolver problemas. Mas não quero reproduzir o tipo

de preconceito que eles cometem quando falam sobre as coisas primitivas de África.

no tratamento da linguagem. Na cabeça deles ainda mora esse fantasma: «Eles, os europeus, têm de saber o que eu sou capaz de fazer.»

Neste seu último livro – e já no anterior – senti um esforço da sua parte para uma escrita mais directa.

Sim. Talvez não mais directa, porque a elaboração poética que está aqui não é diferente dos outros...

Refiro-me à escrita e não tanto à elaboração poética da história.

Em termos daquilo que é o tratamento da linguagem, sim. Eu quero desamarrar-me dessa coisa que se criou de que sou um tipo que inventa umas palavras e faz umas brincadeiras linguísticas.

Isso quer dizer que se quer afastar da tal matriz barroca?

Quero afastar-me de qualquer categoria que me aprisione. Mesmo que reduza a expectativa de algumas pessoas que tinham essa relação com a minha escrita. Em primeiro lugar tenho de ser verdadeiro comigo próprio e responder àquilo que é o meu grande desejo de me surpreender, de me questionar, de mudar, de fazer uma coisa sempre nova.

É uma tentativa de renegar a sua herança literária de Luandino e Guimarães Rosa?

Não, porque eu posso retomar quando quiser. Quero é ter primeiro uma relação comigo próprio e depois com os outros. Posso viajar por diferentes estilos, posso fazer a abordagem por via da poesia ou da não poesia, porque o que me interessa é ter esta ignorância profunda de que quando chego a um livro eu não sei o que vou escrever, como vou escrever. Esse não saber é que me apaixona.

Quer ser uma espécie de Silvestre Vitalício [personagem do romance Jesusalém que renuncia ao mundo] inventando mundos em cada livro?

Agora apanhou-me na esquina. Quero sim, no sentido em que ele também queria esquecer-se de uma carga de passado, queria recomeçar. Mas quem não quer?

Porque é que se cansou dessa referência aos seus neologismos?

Acho que havia ali uma tendência redutora. Havia uma ideia de que o fulano faz um artifício, é habilidoso mas daí até ser escritor há um passo que não está presente.

Sentia que o diminuíam ao apontarem-lhe essa particularidade?

Não. Sentia isso também como um prémio. Eu era equiparado ao Luandino e ao Guimarães ou ao Manuel de Barros. Mas eles fazem sempre mais do que isso. Eles não são só gente que brinca com o idioma. São gente que diz coisas. Era isto que eu queria desarmadilhar. Mas também não lhe quero dar muita importância. É uma questão comigo mesmo. Não quero autoplagiar-me, acomodar-me num estilo. Mesmo se eu agora me consolidar numa outra maneira de construção da linguagem, da narrativa, depois partirei para outra coisa e será sempre assim até deixar de escrever.

Já não anda com o caderninho para tomar nota de novas palavras?

Ando, ando, está aqui.

Mas ainda tem a mesma função?

Anoto as palavras, também. Depois quero que elas surjam de uma maneira menos construída. Cheguei a um certo momento em que pensei que pior do que deixar de escrever, era escrever demasiadamente o mesmo livro.

Tem aí alguma palavrinha que lhe tenha ocorrido recentemente?

Uma palavra sozinha acho que não. Tenho ideias [folheia o caderno de capa vermelha e lê]: «O moribundo pergunta quanto falta para morrer ou pergunta quanto tempo tenho para viver?»

Depois no momento da escrita vai buscar ideias ao caderninho?

Agora isto tem de se passar para o computador. Por exemplo esta [volta a ler do caderno que continuou a folhear]: «O pai descobre que o filho está a escrever um livro e fica magoadíssimo; o filho sempre foi calado, porque é que agora está a escrever? e pergunta: é isso que você faz? e o filho diz: eu sou um criador; não faz mais nada? e o filho responde: criar é tão absorvente que Deus não fez mais nada senão a criação.» Sei que estou a preparar uma coisa como se fosse uma ostra fazendo a pérola – não quer dizer que tenha o valor de pérola – mas é como se fosse sendo construído em camadas. Uma cebola, digamos assim.

Apesar de confessar que passou a ter uma má relação com a ideia de inventar palavras não resistiu à ideia de inventar uma palavra nova para o título do seu último romance.

Sim.

É paradoxal.

É verdade. [Risos.] Eu tive dois títulos para este livro. O primeiro era *O Afinador de Silêncios* e depois usei um, que foi afinal o que saiu no Brasil, e que é *Antes de Nascer o Mundo*.

Porque é que o livro saiu no Brasil com outro título?

Porque o editor brasileiro alertou-me que este título no Brasil podia ser apropriado para uma coisa que não era exactamente o que eu queria. As igrejas evangélicas no Brasil têm um peso enorme: Jesus salva e Jesus lava. Podia haver essa leitura.

A minha questão era acerca do facto de, mais uma vez, não ter resistido ao neologismo.

Não resisti mas não é exactamente por esse jogo subversivo. Foi porque me pareceu que quando, no final, quem está a escrever este livro entrega ao irmão este conjunto de textos e diz «Está aqui *Jesusalém*», pareceu-me que isso nomeava não apenas o território que, em delírio, o velho Silvestre já tinha nomeado mas mostrava



também que esse território não era só da ordem da geografia. Era um território criado em ficção, em linguagem.

Já se deu conta que em vários artigos da imprensa o título tem aparecido trocado? Em vez de *Jesusalém* aparece *Jerusalém*.

Eu já contava com isso e por isso, por via do Zeferino Coelho, falei com o Gonçalo M. Tavares, porque imaginei que acontecesse o que acontecesse haveria essa interferência. Ele divertiu-se com o assunto. Era sobretudo com ele que eu tinha que ter esse respeito.

Foi um pedido de autorização para o título?

Foi. Se o Gonçalo achasse mal eu não publicava.

Como é que reage agora ao ver o seu título assim trocado?

Ao nível onde este título vai viver, nas pessoas que têm alguma relação com os meus livros, isso vai ao lugar. Aquele «s» vai entrar na calha.

O ponto de partida para a história foi aquele mundo fora do mundo, inicial, ou foi a portuguesa que vai para África à procura do marido?

A personagem que conduziu toda esta história foi Dordalma, que não está presente a não ser de uma maneira fantasmagórica. Ela foi a primeira a existir. E existe porque eu li uma notícia de que no reino da Suazilândia uma mulher foi violada por todos os ocupantes de um autocarro. Claro que o livro não é sobre isso mas ficou como uma violência com a qual eu não sabia conviver. É uma coisa, infelizmente, muito comum: esta violência contra a mulher, contra a criança.

Isso foi o detonador?

Foi. A Dordalma, para mim, era alguém exactamente como o nome. O nome também me ajuda a construir o personagem. Seria uma mulher que só existiria em alma e a alma dela só existiria enquanto dor. É ela que organiza toda esta história.

O leitor entra no livro por aquela situação do grupo de homens que criam um território fora do mundo, à parte. Isso recordou-me a situação de *Terra Sonâmbula*. Ocorreu-lhe o paralelo?

Não. Vejo agora que sim, que pode haver um paralelo mas acho que a situação é diferente. Aquele menino e o velho que atravessam a história da *Terra Sonâmbula* estão a fugir da guerra para procurarem um mundo de paz. É uma espécie de jogo de sobrevivência. A procura das memórias é essencial para os dois. Aqui é uma situação diferente: alguém que parte para lugar nenhum, quanto menos lugar for esse território melhor para eles. E estão em ruptura com o passado.

Nos dois casos há uma situação de violência que faz com que um núcleo de pessoas se afaste do mundo. O narrador de *Jesusalém*, Mwanito, até foneticamente faz lembrar o Muidinga, de *Terra Sonâmbula*.

Podem ser o mesmo menino?

Não são. Este é muito mais eu do que o outro. Há coisas que têm paralelo, sim, porque são os dois que por via da escrita vão dar sentido à história, vão fechar a história.

É engraçado que há pouco tenha dito que a sua pátria é a sua infância e é curioso que as crianças tenham um papel tão importante nalguns dos seus livros: isso corresponde obviamente a uma visão do mundo.

Sim, uma visão em que aquela que nós achamos ser uma lógica menor, infantilizada, pode ter suficiente força e beleza. Também há aqui a vontade de contrariar essa coisa de que a sabedoria está com os velhos. Isso é muito forte em África. É um dos grandes estereótipos: quando morre um velho africano arde uma biblioteca e etc.

É um estereótipo que não corresponde a uma realidade?

Todos os estereótipos traduzem alguma realidade. Escondem é que há outras verdades. Como, por exemplo, que neste momento

as crianças que passaram pela escola transportam o universo da escrita e têm sabedorias que ao perderem-se são perdas tão graves como as de quem mora na tradição. Esta ideia de que África só se reencontra na sabedoria tradicional é uma coisa gravemente perigosa, porque parece ser um território condenado a só se rever no passado. Sem direito à modernidade que são estes meninos que transportam a lógica da escrita, que são capazes de dar a volta e de se lembrarem e costurarem a tradição com o futuro.

Sente-se especialmente próximo do mundo da infância?

O Mwanito, como um menino que viveu calado e a quem esse silêncio era elogiado na família – como qualquer coisa que não era simplesmente uma ameaça, havia ali não uma ausência mas um ninho de qualquer coisa que estava a ser fabricado –, lembra muito a minha infância. Eu era um miúdo calado e os meus pais até me chamavam *morcão*, que é uma palavra aqui do Norte de Portugal, da zona do Porto.

Os seus pais são do Norte?

O meu pai é do Porto e a minha mãe do Alto Douro. Chamavam-me *morcão* e pensei que esta palavra se dizia em todo o lado, mas não.

Qual foi o livro mais importante para a sua carreira como escritor?

Foi o *Grande Sertão: Veredas*, do Guimarães Rosa.

Eu estava a perguntar-lhe por um livro seu.

Foi *Terra Sonâmbula*, sem dúvida.

Pelos prémios que obteve com ele?

Não tanto. Por aquilo a que ele me obrigou. Foi um livro feito em delírio, contra uma guerra que naquele momento estava presente. Pensei: «Eu hei-de escrever sobre esta guerra.» Mas pensei que não era possível escrever sobre a guerra sem estar em paz. E foi muito curioso porque comecei a escrever aquele livro e já estava a receber sinais de que a paz estava a acontecer algures, vindo até de fora de Moçambique.

***Terra Sonâmbula* foi escolhido como um dos 12 melhores romances africanos do século XX. Que importância tem uma distinção destas para si?**

Dessa gostei particularmente. Reconheço que esses critérios são sempre muito falíveis. Mas o facto de haver um júri africano, constituído por académicos africanos, que seleccionou esse livro foi uma coisa que me deu muito orgulho, muita vaidade.

Foram mais importantes para a sua carreira de escritor os prémios que obteve com o *Terra Sonâmbula* ou o facto de ter conseguido editar o seu primeiro livro de ficção em Portugal?

Foi a publicação em Portugal. Tinha de ser, obviamente, pela nossa História. O escritor de Angola, de Moçambique, da Guiné, de Cabo Verde, etc., percebe isso. Ninguém chega à língua inglesa, francesa ou espanhola se não for por via desta placa giratória.

Como é que *Vozes Anotadas* foi publicado em Portugal?

Foi um acidente. O livrinho era tão feio, tão mal editado. A tipografia em Moçambique naquela altura era um desastre.

Meados dos anos 80.

Sim, saí em 85, por aí. Viajou para Portugal e estava numa mesa com mais livros, onde a Maria Lúcia Lepecki focou o olhar naquele livro tão feio. «Que horror, o que é esta coisa?» Pegou, começou a ler e depois publicou uma crítica no jornal. O Zeferino Coelho leu e assim começou tudo. É curioso como uma coisa começa assim pela negativa, não é?

Foi o facto de o livro ser tão feio que lhe deu uma oportunidade.

Acho que sim. [Risos.]

É a lei dos contrários a funcionar.

Exactamente. ■